

 <https://doi.org/10.47456/simb.v13i2.49140>

“Só é capaz de benzer quem tem fé”: narrativas, saberes e práticas de cura das benzedeiras de Piaçava (TO)

“Only those with faith can bless”: narratives, knowledge and healing practices of Piaçava benzedeiras (TO)

“Sólo quien tiene fe puede bendecir”: narrativas, saberes y prácticas curativas de Piaçava benzedeiras (TO)

Luciene Alves de Carvalho

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil.

Laylson Mota Machado

Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

Carina Alves Torres

Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

Resumo A presente pesquisa trata-se do ritual de benzeção como prática popular de cura, a partir das experiências de vida de três benzedeiras do povoado Piaçava, localizado no município de Nazaré, no extremo Norte do Tocantins. Este artigo tem por objetivo analisar as práticas de benzimento a partir das experiências de mulheres benzedeiras do Povoado Piaçava e como elas se mantêm atualmente. Busca-se identificar a prática do benzimento como ritual de cura, destacando através das narrativas orais das benzedeiras como ocorre os benzimentos no cotidiano do povoado e de que forma esses saberes são transmitidos para as futuras gerações. Os caminhos metodológicos são guiados pela pesquisa qualitativa, com uso da história oral de vida, observação participante e entrevistas exploratórias. Por meio disso, evidencia-se nesse estudo a importância do ritual de cura e dos saberes exercidos pelas benzedeiras na perpetuação de uma tradição.

Palavras-chave: benzedeiras; saberes; cura; narrativas; Piaçava-TO.



Abstract This research is about the ritual of blessing as a popular healing practice, based on the life experiences of three women benzedadeiras from the village of Piaçava, located in the municipality of Nazaré, in the far north of Tocantins. The aim of this article is to analyze the practices of benzimento based on the experiences of women benzedadeiras from Povoado Piaçava and how this knowledge is perpetuated today. It seeks to identify the practice of blessing as a healing ritual, highlighting through the oral narratives of the women benzedadeiras how blessings occur in the daily life of the village and how this knowledge is passed on to future generations. The methodological approaches are guided by qualitative research, using oral life history, participant observation and exploratory interviews. This study highlights the importance of the healing ritual and the knowledge exercised by the benzedadeiras in perpetuating a tradition.

Keywords: benzedadeiras; knowledge; healing; narratives; Piaçava - TO.

Resumen Esta investigación trata sobre el ritual de la bendición como práctica curativa popular, a partir de las experiencias de vida de tres mujeres benzedadeiras de la aldea de Piaçava, situada en el municipio de Nazaré, en el extremo norte de Tocantins. El objetivo de este artículo es analizar las prácticas de benzimento a partir de las experiencias de mujeres benzedadeiras del Povoado de Piaçava y cómo se perpetúan estos saberes en la actualidad. Busca identificar la práctica del benzimento como ritual de curación, destacando a través de las narraciones orales de las mujeres benzedadeiras cómo el benzimento ocurre en el cotidiano de la aldea y cómo este conocimiento es transmitido a las generaciones futuras. Los enfoques metodológicos se guían por la investigación cualitativa, utilizando la historia de vida oral, la observación participante y entrevistas exploratorias. Este estudio destaca la importancia del ritual de curación y del conocimiento ejercido por las benzedadeiras en la perpetuación de una tradición.

Palabrasclave: benzedadeiras; conocimiento; curación; narrativas; Piaçava - TO.

Recebido em 07-07-2025

Modificado em 17-10-2025

Aceito para publicação em 05-01-2026

Introdução¹

O ritual de benzeção consiste em práticas populares de cura que permeiam o cotidiano desde o nascimento. O local em que esses rituais são vivenciados é o povoado Piaçava, situado no município de Nazaré (TO), onde residem três benzedeadas que perpetuam tais saberes no tempo presente. Nesse sentido, esta pesquisa se desenvolve a partir das experiências e narrativas das benzedeadas, situando a relação com o catolicismo e as práticas tradicionais.

Um aspecto notável é que, nessa região as mulheres são as principais detentoras dos saberes de cura, assim como de outros conhecimentos ancestrais relacionados aos cuidados com a saúde. No que concerne a essas práticas, é importante situar que a população dessa região até a década de 1980, possuía acesso limitado à saúde pública, logo, os saberes ancestrais detinham primazia na cura de enfermidade do corpo e da alma, tais como rezas, benzimentos e remédios naturais, como chás, garrafadas e raizeiros. Cabe ressaltar que esses saberes também são encontrados nas culturas indígenas, negras, ribeirinhas e camponesas, uma vez que se trata de grupos que possuem culturas ancestrais e que primam pela manutenção dos saberes tradicionais.

Não obstante, sabemos que o processo de globalização, no século XX, trouxe várias mudanças nos modos de conceber a vida social, sobretudo no que concerne à saúde, com sua mercantilização por meio da indústria farmacêutica, afetando os meios tradicionais de cura das doenças. Essas mudanças são reflexos do dinamismo cultural que abarca a vida em sociedade, sendo que cada sistema cultural está sempre em transformação. Fica evidente que compreender esta dinâmica é extremamente importante para diminuir o choque entre as gerações e evitar condutas consideradas como preconceituosas. Da mesma forma, é essencial para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos e culturas distintas, é necessário saber entender as especificidades que acontecem dentro do mesmo sistema (Laraia, 2007).

Apesar das mudanças culturais do povoado Piaçava, algumas mulheres benzedeadas ainda perpetuam seus saberes, resistindo às investidas das ciências médicas e a todo seu aparato moderno. Em contradição aos prognósticos de seu desaparecimento, essas crenças se mantêm como contínuas com curas tradicionais e prescrições que procuram atender às necessidades do indivíduo. Ou seja, as benzedeadas são mulheres que carregam em seus corpos esses saberes.

As rezadeiras, benzedeadas ou até mesmo curandeiras são mulheres que conseguem realizar as benzeduras buscando sempre curar o indivíduo doente de alguma enfermidade, e para dar cumprimento “a esta prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, utilizando “súplicas” e “rezas”, que têm

¹ Esse artigo compõe parte do Trabalho de Conclusão de Curso “Rituais de Cura: experiências das benzedeadas de Piaçava – TO”, de autoria de Luciene Alves de Carvalho, defendido no dia 07 de fevereiro de 2025.

finalidade de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda” (Diniz & Diniz, 2018:01). As rezas são um dos principais meios de cura de doenças em regiões do interior, tais como quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída e peito arrotado. Tais enfermidades, na cultura popular, são tratadas por meio de procedimentos terapêuticos realizados pelas mãos dessas mulheres. Em que as benzedadeiras são procuradas para realizar seus rituais de cura, assim como outras formas de benzeções.

Segundo Maciel e Guarin-Neto (1999), o benzimento é uma das práticas mais antigas de cura de doenças, na qual incidu no surgimento de benzedores/as a partir do século XVI. E mesmo com o avanço da medicina ocidental, essas práticas ainda resistem e se ressignificam nos diferentes contextos históricos da sociedade. Ligado às discussões no contexto do povoado Piaçava, elaboramos a seguinte problemática: como ocorre a prática do benzimento no Povoado Piaçava (TO) e de que forma esses saberes são transmitidos atualmente?

A prática das benzeções é comum no Brasil, atrelada ao catolicismo popular e ao tradicionalismo que compõe essa cultura, pois essas práticas são manifestadas por romarias, ofícios, rezas em casas, perambulações, devoções, dentre outros. Conforme tais afirmativas consideramos que o estudo sobre as rezadeiras é de suma importância social e acadêmica, pois se trata de práticas culturais ancestrais que vêm resistindo há décadas nessa comunidade, além de evidenciar os saberes e ressignificações desses rituais pela religiosidade sincrética (Mendes & Cavas, 2018).

Esses estudos permitem um maior entendimento da identidade de determinada sociedade, sobretudo, visando o entendimento da memória coletiva de uma sociedade. Além de entender o papel que exercem em união às camadas populares das suas comunidades, nas quais são vistas como autênticas guardiãs da memória de uma geração e de uma população, por meio da preservação desses saberes.

Simultaneamente a essas práticas de cura, é necessário refletir sobre a pluralidade que caracteriza o Brasil, além de compreender que essa diversidade pode ser analisada dentro do novo campo historiográfico, que por meio dele pode-se debater a produção, sobretudo da chegada da cultura como componente de análise histórica (Silva, 2009). Ou seja, consideramos que os rituais e culturas dessas benzedadeiras não podem ser deixados e esquecidos, mas sim valorizados.

Ainda conforme Silva (2009), a cultura ganha lugar por meio de novos componentes e fontes, dentre elas a justaposição da história cultural ao lado da história social, que, por meio deste diálogo, traz novos olhares acerca das mudanças culturais e seu dinamismo. Estudar o ofício da reza e seu ritual é ir além de um viés cultural, religioso e social, pois esse ofício se intitula como uma amostra da cultura popular, no qual abrange signos e rituais vistos como riqueza cultural em um tempo em que a modernidade está tomando conta de todos os processos.

Os caminhos metodológicos deste estudo seguem a metodologia de pesquisa qualitativa, na qual responde a questões muito particulares, em que engloba os fenômenos sociais e suas particularidades (Mynaio, 1994). Apresentando as trajetórias de vida das benzedadeiras de Piaçava, utilizamos o método da História Oral, buscando, por meio das oralidades, descrever as experiências de vida das interlocutoras desse estudo. A partir das histórias de vida de Dona Neguinha, Dona Raimunda e Dona Lúcia, por esse método “[...] tratar da narrativa de um conjunto de experiências de vida de uma pessoa” (Meihy, 1998:97) contribuiu para alcançar os objetivos deste estudo, pois através das narrativas orais das benzedadeiras compreendemos todo o processo sociocultural da prática da benzeção e as formas como esses saberes têm se perpetuado no povoado.

A primeira entrevista foi realizada no dia 11 de fevereiro de 2024, com a benzedeira Antônia Pereira dos Santos, de 77 anos, conhecida popularmente como “Neguinha”, residente no povoado de Piaçava. O intuito foi obter maiores conhecimentos sobre os rituais e métodos dessa prática, assim, foi realizado um pequeno questionário sobre as informações pessoais e seu histórico como benzedeira, no qual ela relatou detalhadamente aspectos essenciais para a construção deste trabalho, bem como o início da sua trajetória e seu reconhecimento na região onde mora.

A segunda entrevista foi realizada no dia 06 de abril de 2024, com a benzedeira Maria Raimunda Pinto da Conceição de 74 anos, nascida em 15 de março de 1950, no estado do Maranhão. Ela morou por bastante tempo na cidade de Porto Franco (MA), e posteriormente mudou-se para o povoado de Piaçava.

A terceira entrevista foi realizada no dia 16 de abril de 2024, com a benzedeira Lucivânia Alves Almeida, de 53 anos, mais conhecida como “Lúcia”, nascida em 10 de março de 1971, no povoado Piaçava, Estado do Tocantins, com ajuda de uma parteira, todavia, Lúcia sempre morou no Tocantins, também morou por alguns anos na cidade de Tocantinópolis para poder trabalhar e estudar na casa de sua madrinha.

Para além das entrevistas, foram observadas e compreendidas as práticas de benzimento, já tendo sido acompanhadas no cotidiano do povoado. Dessa forma, as observações dos rituais foram fundamentais para compreender os processos e organizações das práticas de benzeção, com uso da observação participante (Cruz Neto, 1994) e de conversas informais com as benzedadeiras e/ou entrevistas exploratórias² (Tompson, 1992).

² “A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo idéias e informações. Com a ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo” (Thompson, 1992:254). Aqui utiliza-se as entrevistas exploratórias os momentos anteriores a aplicação das entrevistas orais em que foram gravadas e transcritas, as entrevistas exploratórias ocorreram no cotidiano entre as trocas e conversas que tive com as benzedadeiras que me auxiliaram nos percursos metodológicos guiados nesse estudo.

Por meio disso, este trabalho apresenta de que forma os saberes culturais e as práticas de cura realizadas pelas benzedeiras do Povoado Piaçava estão vinculadas às práticas ancestrais e a identidade sociocultural da região. Assim, a partir do registro de suas narrativas orais, registramos como essa prática é essencial atualmente para a comunidade, apesar das incertezas em relação à perpetuação de sua tradição.

Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: o poder das orações

As benzedeiras de Piaçava têm desempenhado seu ofício, alinhando suas atividades cotidianas à natureza, visto que elas também são quebradeiras de coco babaçu e produtoras de roças e hortas. Esse povoado é caracterizado pela presença extensa de palmeiras de babaçu, fato que contribui para que as atividades rotineiras se pautem nesse trabalho, como a extração da amêndoa e a produção de azeite e óleo. Dessa maneira, as benzedeiras Antônia Pereira dos Santos, Maria Raimunda Pinto da Conceição e Lucivânia Alves Almeida são profundamente influenciadas por essa cultura, que se manifesta em práticas como a produção de roças de toco. O ofício que elas vêm construindo é desempenhado na rotina, com rezas, cuidado com as plantas e atendimento às pessoas. Os saberes são vividos no dia a dia em contato com outras pessoas, imbricados na cura, na solidariedade e nos cuidados, em que as plantas e os objetos sagrados estão presentes na mediação dos rituais.

A benzedeira Maria Raimunda Pinto da Conceição mantém uma estreita relação com o catolicismo e com as plantas, fato que se torna notável em sua casa e quintal. Esse vínculo é evidenciado também por objetos simbólicos – como panos, garrafas de água, rosários e imagens de santos – expostos em diversas partes de sua residência. Tais elementos constituem aspectos de suas vivências ritualísticas e subsidiam as benzeções.

A benzedeira Antônia Pereira dos Santos é católica e devota de São Miguel Arcanjo, a quem dedica sua fé por meio da presença em missas, orações e devoção aos santos. Sua relação com as benzeções constrói-se no dia a dia com a comunidade e se evidencia nos cuidados com as plantas e com os objetos ritualísticos, como pedras, panos e garrafas.

A benzedeira Lucivânia Alves Almeida também é católica e devota de São Miguel Arcanjo. Suas vivências com as benzeções se realizam no cotidiano da comunidade e em seu trabalho na capela local. Seus objetos ritualísticos são constituídos por panos, garrafas e rosários. Dessa forma, suas benzeções alinham-se tanto à cura das pessoas que a procuram quanto à devoção à fé cristã.

Os objetos utilizados pelas benzedeiras reiteram a fé, a cura e devoção: cada objeto contém seu valor, sua simbologia e é utilizado de acordo com a necessidade da benzeção. Sendo eles primordiais na prática dela, uma vez que, para as benzedeiras

representam um auxílio que lhes proporciona segurança e confiança para benzer (Nogueira, Versonito & Tristão, 2012:171). Nas realidades das benzedadeiras de Piaçava, os objetos simbólicos, estão presentes em todas as suas práticas, ancorados na solidariedade e no cuidado em promover a cura as pessoas enfermas. Este ofício representa a aliança entre as benzedadeiras, que compartilham seus saberes de cura e rezas para ajudar os enfermos. Essa aliança se manifesta por meio do simbolismo, das plantas e dos objetos sagrados presentes em seu cotidiano.

Diante disso, observamos que, na crença popular, a benzeção, ou meramente a benção, é vista como um ritual de cura. Existem benzeções para doenças características e outras que servem para qualquer tipo de doença (Nery, 2011). Geralmente, antes da bênção, coloca-se um copo com água no local onde se realiza o ritual e ao final a pessoa abençoada deve tomar essa água, respeitada e vista como água benta. No qual a água benta faz parte da doutrina católica. Os sinais praticados pelos benzedores são todos análogos aos da religião católica: eles rezam fazendo o sinal da cruz. Suas rezas, na maior parte das vezes, são deturpações das orações legitimadas pela igreja, intercaladas por palavras enigmáticas. No período em que estiver sendo benzido, o doente não precisa cruzar os pés ou as mãos. Habitualmente, a benzeção é realizada mais de uma vez, o que depende do mal que o acomete. No que se refere a doenças como cobreiro, por exemplo, é necessário benzer até três vezes para que ele seque (Nery, 2011).

O ritual do benzimento ocorre no cotidiano do povoado, por meio das atividades de trabalho, tais como nas roças e atividades domésticas, nas quais as benzedadeiras são procuradas quando uma pessoa da comunidade fica doente. Assim, elas deixam seus afazeres e atendem à população em suas casas ou na casa da pessoa enferma.

Ainda conforme Vanda Nery (2011:07), a quase totalidade das rezas são oriundas de Portugal e foi aqui seguida e recriada. Em algumas vezes, a mesma reza tem alterações de um para outro local, como as rezas para a cura do cobreiro, uma doença dolorida da pele, caracterizada por manchas de bolhas coloridas. “São bolhas de pus que provocam muita coceira e podem cobrir o corpo todo e levar à morte”, explica o senhor Sebastião Oliveira, 67 anos, benzedor da cidade de Tapuira, um distrito da cidade de Uberlândia. Todos concordam que o cobreiro é causado por algum animal venenoso como a aranha, a lagartixa ou o sapo, e quando esses bichos passam em cima de uma roupa estendida no quintal podem ocasionar o cobreiro (Nery, 2011).

Existem várias formas de curar essa doença: uns fazem cruces com tição de fogo por cima do cobreiro, outros passam um ferro quente em um pano que, conseqüentemente, é colocado quente no cobreiro ou agulha e pano. Todos fazem alguma bênção com suas rezas e orações que, apesar de variadas, ocasionam sempre algumas linhas de afinidade (Azevedo, 1981).

Uma característica que os curandeiros e rezadores possuem em comum: qualquer que seja a reza, ela necessita ser feita sempre em direção ao sol. Muitos também usam o talo da mamona e a faca que eles passam sobre as manchas, no decorrer da benzeção (Souza, 1989). Ainda estudando sobre rezadores, Souza (1989) destaca em suas pesquisas que existem múltiplos outros males no mundo mágico das benzeções, a espinhela caída, para a maioria, ou peito caído, peito aberto, ou ainda, arca caída, para outros, é motivada, de acordo com a crença popular, pela quantidade de peso que a pessoa pega.

Os saberes da prática de benzeção são pontuados na sua diversidade dos rituais de cura e as especificidades a serem realizadas em cada um deles, como o processo para a cura da espinhadela:

As benzedeiras trazem na ponta da língua o esclarecimento do que seja a espinhela: é um ossinho mole que vem do coração, disse Tereza Gomes Rodrigues, benzedora da comunidade rural de Rio das Pedras. Todas concordam com os presságios da doença: dor nas pernas, na região do tórax, nas costas e no estômago. A doença dá mais em pessoas já adultas e a cura deve ser procurada na benzedora, que primeiro trata o vento caído, tomando as medidas necessárias e rezando. Em seguida, reza a oração própria da espinhela caída, assentando um objeto de ferro na mão da pessoa. A medida é feita da seguinte maneira: com uma linha de algodão mede do dedo anelar até o cotovelo, tomando este tamanho duas vezes passa o fio na cintura da pessoa, se passar ou faltar um palmo a espinhela está caída (Nery, 2011:08).

Enquanto as benzeções são limitadas a algumas pessoas selecionadas na comunidade e acontecem de forma particular, as simpatias se diferenciam por ser qualquer solução material que pode ser utilizada pelas pessoas em geral, para impedir o mal e alcançar o bem, modificando o curso dos eventos. O valor da benzeção habita justamente na sua privacidade e no fato de transmitir-se entre os escolhidos, sendo, pois, vantagem de uma pequena quantidade de iniciados. Já nas simpatias, não existe necessidade de uma pessoa especial (Gomes & Pereira, 1989).

O prego é visto como um instrumento bastante comum nas simpatias. O gesto mágico de golpear um prego numa árvore para livrar de febre, dor de dente e hérnia, já havia na Europa antiga, pré-cristã e persiste até atualmente. Em uma simpatia tradicional, para reduzir o umbigo grande da criança, a mãe deve bater um prego novo num cupim. Na medida em que o prego some, pela ação do cupim, o umbigo vai diminuindo (Souza, 1989). São inúmeros os tratamentos naturais populares que existem, em muitas doenças, as causas e os remédios são vários, como destaca Oliveira (1985). A benção junto do remédio auxilia no processo de cura do adoentado. De acordo Nery (2011:11): “A reza, a simpatia e o remédio, que não se contestam em momento algum, nem se separam no tratamento da pessoa doente, formam o sagrado, o sábio e o adequado tripé da medicina popular”.

No instante em que ouvimos falar sobre indivíduos que procuram uma benzedeira ou um benzedor para curar tal enfermidade, quer seja ele do corpo ou do espírito, espontaneamente compreendemos continuamente a figura de senhores e senhoras com galhos na mão, manejando determinados movimentos e anunciando algumas palavras que ocasionam uma determinada cura. Entretanto, pouco se reflete sobre quem são essas senhoras e senhores e onde adquiriram tais conhecimento e ritos que empregam até hoje e como conquistaram a confiança de suas comunidades. Tais interrogações permitem que reflitamos sobre esse ritual de reza que faz parte das lembranças dos possuidores desse ofício (Monteiro, 1997).

É na familiaridade da prática de cura e do seu rito que as benzedoiras e benzedores, enquanto um ofício da mitologia popular, tomam espaço. Seus sinais, alegorias e técnicas constituem elementos que distinguem o ofício dessas pessoas, onde eles, procedendo de suas memórias, são manifestos entender como essas declarações submergem no habitual das comunidades onde eles estão inseridos (Mott, 1997).

Seguindo esse ritual, podemos entender que os benzedeiros comprovam sua analogia, eles as distinguem enquanto sujeitos, e proporcionam sentido ao lugar deles, enquanto benzedores. Conforme os estudos de Pimentel (2007:267), ao tratar sobre esse ritual, percebe-se que, na sua maioria, as detentoras desses saberes, por mais que seja ensinado a elas, seu ofício advém de um dom divino, ou seja, suas práticas de cura partem da relação entre a rezadeira ou rezador e a sua intimidade com o sagrado.

De tal modo, cabe refletir sobre o ritual de cura que essas pessoas realizam como uma expansão de sua transação com o bendito e com a sociedade, uma vez que elas servem como intercessoras entre o exercício de cura e a crença que a pessoa que a procura tem. É nesse ponto de vista que se nota como esses senhores se entregam e se importam dando sentido a suas atividades e ganham reconhecimento, uma vez que diante da crença que se aprofunda com o sagrado cristão uma parte daqueles que o perfilham enquanto sábios no que se refere à cura, estabelecendo com eles uma relação de fé. Conforme Pimentel (2007), em seus estudos, apresenta que esses ritos de cura ao tratar dos benzedeiros/as podem ser levados adiante seguindo duas características:

As formas utilizadas pelas rezadeiras apresentam basicamente dois caracteres: as orações de proteção e de intuito curativo [...]. Dentro do grupo terapêutico temos as rezas que destinam o caráter de cura diretamente a entidade religiosa e as que revelam a figura da rezadeira como intermediária para o fim dos males e as palavras sem apelo católico declarado (Pimentel, 2007:268).

Em meio aos cerimoniais de cura dos benzedores/as, analisa-se como uma amostra da mitologia popular instala-se no habitual dos indivíduos, quer seja pela procura de uma determinada cura ou amparo em sobre suas vidas e atos. A imagem dos benzedores, no período em que são considerados guardiões dessa sabedoria,

permite entender como o seu respeito é alcançado, entre eles o uso de alguns emblemas, como os desenhos das imagens dos santos católicos e as suas orações cristãs, mesmo sem o convite ritualístico (Quintana, 1999).

A consecutiva prática da reza e seu cerimonial de benzeção, que se compreende como um ato de benzimento, apresenta uma analogia entre o que é sagrado e o que se considera terreno. Uma vez que, no instante em que os benzedores que operavam desde a colonização, se sustentou a afinidade íntima entre esse ofício da benzedeira e o que se caracteriza como sagrado do catolicismo oficial, sobretudo nessas regiões interiores, originando, assim, uma importância e principalmente reconhecimento do ofício da reza, em determinadas localidades no qual esses senhores e senhoras agiam (Eliade, 1992).

O cerimonial da reza, quando observamos e analisamos ele, entendemos as orações mais variáveis possíveis e compreendemos como elas são dirigidas notadamente para dificuldades coloquiais, como exemplo, o mau-olhado, que ocasiona cansaço no outro e é compreendido como algo adquirido por meio de olhares expressivamente contraproducentes negativos que as pessoas fazem sobre o outro. Aqueles que acreditam constantemente nesse mal, sempre buscam por uma benzedeira, pois avaliam elas a intercessão para cuidar de todas as enfermidades do corpo, assim como também as enfermidades do espírito. Dessa forma, consideramos a oração das benzedadeiras e benzedores enquanto uma forma de cura, não exclusivamente como alguma coisa privada, porém, também, grupal, uma vez que seu desígnio é ocasionar a cura de uma determinada moléstia. Essa moléstia ou doença não é descoberta como uma propriedade distinta da sociedade, pelo contrário, a doença está completamente integrada ao meio social, e a partir daí os rezadores conseguem agir enquanto meio de cura (Theotonio, 2010).

O ato da reza enquanto manifestação popular, dentro do que entendemos a vastidão do que é conhecido, nos convida a entender que essas tradições têm ritos formidáveis embora sejam frequentemente situadas no domínio dos estudos folclóricos, quando colocamos essa prática como componente histórico, buscamos sempre entender que a mitologia popular circunda nossa sociedade, e está presente no dia a dia das pessoas, principalmente nas regiões do interior e nas zonas rurais das cidades. Dessa forma, vale analisar e olhar para o ofício de rezador/benedeira como uma espécie de tradição admissível desse julgamento, e que sua reza, componente principal de seu trabalho, possui uma função essencial na busca pelo caminho para entendermos da dimensão da sua prática cultural (Miranda, 2017).

As rezadeiras ou benzedadeiras são mulheres, ou até mesmo homens, que possuem a capacidade e o conhecimento de realizar as benzeduras, termo este que compreende um repertório material e característico que pode ser bastante compreensivo. Para executar essa prática, elas ativam conhecimentos do catolicismo popular, como

“pedidos” e “preces”, para restaurar o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que procuram a sua ajuda (Miranda, 2017).

Para unir e apresentar este ritual de cura, as benzedeiras podem aproveitar múltiplos subsídios e acessórios, entre eles: ramos verdes, sinais em cruz concretizados com a mão direita, agulha, linha e pano, além do conjunto de rezas. Estas podem ser concretizadas na presença do cliente, ou à distância. Em seu ofício, de extenso reconhecimento, essas mulheres “rezam” as enfermidades de pessoas, animais ou objetos, bastando exclusivamente que alguém diga os seus nomes e onde moram (Santos, 2009:11-12).

A prática de benzeção situa-se em diferentes regiões do país, entretanto, no Nordeste, as dinâmicas socioculturais se apresentam com mais expressividade (Santos, 2009). Diversas pesquisas realizadas pelo professor e pesquisador Roque (1946), na região do Baixo Alentejo – Portugal, ressaltaram que a prática da reza nessa localidade se assemelha ao contexto das benzedeiras em estudo, principalmente em relação ao processo terapêutico. Algumas doenças e os rituais de cura expostos pelo autor são espontaneamente notados entre as benzedeiras em questão. Como exemplo, com base nos dados disponibilizados por Roque (1946) sobre o “cobreiro”, foi possível analisar as semelhanças com uma doença conhecida pelo mesmo nome, tratada pelas benzedeiras de Cruzeta/RN.

No que se refere ao uso dos números nas fórmulas mágicas dos rituais de benzimentos durante o período da Idade Média em Portugal, Bethencourt (2004:137-138) relata que “o número cinco, era utilizado, por um lado, como símbolo da totalidade do mundo sensível, por outro como referência às cinco chagas de Cristo”. Referindo-se as dores sentidas por Jesus no período de crucificação sendo sua intenção de invocar a clemência à Cristo (Santos, 2009). Nesse processo a figura da mulher exercia papel fundamental em relação aos cuidados a saúde, seja da família como também da vizinhança, como destaca Beatriz Weber (1999).

Segundo Del Priore (2007), a prática de benzimento decorre do período colonial, tempo histórico em que as mulheres utilizavam métodos tradicionais de cura, advindos da sabedoria ancestral africana para restabelecer a saúde dos adoentados. Para além desses conhecimentos, “havia os saberes originários da África, fundamentados no uso de talismãs, amuletos e as consagrações indígenas, embasadas na intimidade com a flora medicinal brasileira” (Del Priore, 2007:89).

Em algumas localidades, as mulheres que rezam são conhecidas como “benzedeiras”, em outros como “curandeiras”, e noutros como “rezadeiras”, como Cruzeta/RN. No Tocantins também é a mesma situação, logo, optou-se pelo uso da palavra benzedeira, tanto pelas pessoas dessas comunidades como pelas próprias benzedeiras, uma vez que elas se caracterizam dessa maneira.

A benzeção abrange a crença no poder mágico da palavra, uma vez que o benzedor ou benzedeira possui a capacidade de alterar uma realidade (em desordem) empregando-se orações recitadas, sempre seguidas por gestos e objetos característicos. A crença no poder curativo da palavra, manifestada através das orações, encontra raízes em diferentes tradições que se encruzaram nas terras brasileiras, nas quais a oralidade é/era um dos principais subsídios de conservação da cultura. Tanto entre os povos ameríndios quanto entre os africanos, pode-se mencionar a forte oralidade presente nos rituais mágicos de cura. Até mesmo os portugueses, católicos fervorosos, envolveram a crença no poder curativo da palavra. Dessa forma, fica mais fácil abrangermos o poder imposto aos benzedores e às benzedadeiras, que, mediante orações, compõem a saúde dos enfermos (Moura, 2011).

Ainda de acordo com Moura (2011), as orações dos benzedores e das benzedadeiras, que de certa forma são sustentadas e recheadas de expressões próximas do cotidiano, constituem uma relação direta com os intermediários entre Deus, ou deuses, e os humanos, o que de certa forma depende de onde a fé está depositada. Nelas, são agregadas frases imperativas que pedem a cura, ao mesmo tempo, em que são mencionados os males a serem erradicados. Além disso, observamos que a reprodução de alguns versos parece funcionar como o mecanismo de mantras.

Conforme Oliveira (1992), a linguagem popular presente nas orações apoia a singularidade e a autonomia dos agentes da benzeção na relação com a comunidade e com outros agentes de cura. Conservando o monopólio sobre esta forma de ritual, esses sujeitos contribuem para a revigoração da cultura popular. Embora sofra alterações, a benzeção demarcou seu espaço entre os rituais convivendo com a medicina oficial, sem isso perder sua importância para as pessoas que ainda buscam a relação mais próxima, mágica e afetiva entre benzedores e benzedadeiras.

Por permanecerem conexos à solução de problemas diários e práticos, os trabalhos dos benzedores sempre foram solicitados e revelam a procura de muitos homens e mulheres por portas alternativas de cura. Seus procedimentos estão acalcanhados no empirismo terapêutico, no qual a observação e o conhecimento experimentado fornecem-lhe a base para a eficácia em determinados casos. Representam uma forma característica de se pensar o corpo, a doença e a cura, baseados numa compreensão simbólica e mágica do mundo (Guerreiro, 2003).

As características que compõem o benzimento são manifestas em objetos e expressões corporais. Esses elementos são sagrados, constituindo um ritual para a cura das enfermidades (Ayala & Ayala, 2006). Ao conhecer os objetos sagrados de dona Neguinha, dona Maria e Dona Lúcia, observou-se essas benzeções e sua importância desse ritual para a identidade dessas mulheres.

Outro aspecto comum é a relação entre natureza e sagrado que se manifesta nos benzimentos, pois as plantas, água e terra se fazem presentes nesse ritual. Dona Neguinha ressaltou que manifesta a natureza em suas rezas, pois a cura vem da natureza e pela fé.

Em outras realidades, as benzedadeiras utilizam diversos objetos nos rituais, tais como agulhas, brasas, ramos de plantas, velas, terços, penas e óleos, entre outros. Embora a benção se constitua uma multiplicidade, deve-se compreender que cada objeto apresenta um significado quando pensado dentro da lógica do ritual, em outras palavras, depende do tipo de reza e da enfermidade (Ayala & Ayala, 2006). É importante situar a diversidade de benzeção que se manifesta na sociedade, na qual a fé, a natureza e os objetos sagrados são tidos como provedores da cura (Moura, 2009).

Quando se aprende a benzer: as práticas culturais do ritual de cura

As rezas são um dos principais traços de cura de doenças em regiões do interior, tais como quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída e peito arrotado. Enfermidades essas que na cultura popular são realizados procedimentos terapêuticos sob as mãos das benzedadeiras, no qual as benzedadeiras são procuradas para realizar seus rituais de cura, assim como outras formas de benzeções, como um ofício da cultura popular das regiões do interior. Os rituais que essas senhoras realizam fazem parte do cotidiano das pessoas que habitam esses locais, tornando seus gestos, símbolos e práticas, um conjunto que caracteriza o ofício dessas senhoras.

Tudo depende da nossa fé, se nós tivermos em Deus, nós vamos ser curados com fé em Deus. Deus diz “eu vou subir mas eu vou deixar vocês cumprindo a minha missão pra vocês cumprir meu mandamento, o meu mandamento vai ser isso, vocês vão pregar em todos as regiões, aonde tiver gente doente vocês imponha a mão se ele curar vocês são meu discípulo se eles curar, se vocês curar as pessoas com meu nome esses são meus discípulos, são meus companheiros, e vocês vão ficar para dar testemunho de mim durante a vida, vocês vão dar meu testemunho vocês vão ficar para seguir o meu caminho”, então foi assim que Deus disse, Jesus disse antes de subir, é isso que tenho pra lhe dizer minha filha, tem horas que minha mente foge um pouco. Porque o povo não entende que vão ter que viver a vida toda sabendo que tem um Deus acima de nós, um Deus grande, verdadeiro que manda em todas as coisas e vai mandar para sempre porque ele nunca vai ter fim, quem vai ter fim somos nós aqui nessa vida, na outra também. Nós temos que fazer as coisas boas, bem feitas para Deus, fazer o bem para os irmãos, fazer bem, nós não vamos ter fim, ou nós vamos ficar bem na Glória de Deus ou nós vamos ficar mal na presença de nosso inimigo chamado diabo, que é ele que nos atenta muito, e é muito bom a pessoas aprender e ter no seu coração as coisas de bom, com Deus. O povo diz que tem uns que tem umas devoções, aquelas devoções botam pra lá que eu não quero saber, acredito em Deus (Dona Raimunda, 74 anos. Entrevista concedida no dia 06 de abril de 2024).

Nesse trecho, evidencia-se que Dona Raimunda acredita no poder de cura dos rituais porque acredita em Deus, e quem tem o poder de cura é Deus, mostrando a relação do pluralismo religioso de seus rituais com sua fé católica. Dona Neguinha e Dona Lúcia também deixam claro que seguem a religião católica, expressando a fé nos rituais de cura, devido à fé em Deus, como mostram os trechos a seguir: “*Sempre fui católica desde que nasci*” (Dona Neguinha, 77 anos. Entrevista concedida no dia 03 de abril de 2024).

Até crente já veio, a pessoa disse “fulano falou que tu é boa para levantar arca, não acredito muito não”, aí eu disse “pois se não acreditar não vou fazer não”, aí ele disse “mas a senhora ver, eu fui até no hospital não sei quantas vezes saber se era coluna, se era não sei o que lá, era dor de estômago” aí levantei e já veio umas três vezes depois disso. No outro dia quando me viu, oh mulher vou lá terminar, mais amanhã tem que vir, mais só que eu não tinha terminado de levantar toda né, já que estava toda aberta, pois veio no outro dia depois disso passou foi tempo agora foi tempo agora foi que veio de novo ela disse o povo tem um negócio mais tudo é de Deus, pois é mais também só levanto de quem acredita. Aí quando foi um dia, veio um dia tirar sol, que já tinha tomado todo tipo de remédio para dor de cabeça e não tinha passado, aí eu pensei, as crentes tão danadas aderindo, aí foi assim que comecei (Dona Lúcia, 53 anos. Entrevista concedida no dia 16 de abril de 2024).

Na fala de Dona Lúcia, notamos que até mesmo pessoas evangélicas que não acreditam nos rituais de cura acabam se submetendo a eles após tentarem se curar de algumas enfermidades e não conseguirem. E, como mostra no trecho, a cura vem, não por meio da religião, mas pela crença em Deus.

Eu tinha uma tia que ela propôs me ensinar várias, mas eu nem quis, eu não gosto, aí ela disse que iria ensinar porque ela já estava ficando velha, aí queria que outras pessoas aprendessem. Eu não quis aprender não, a minha trajetória é essa de casa para a igreja, rezo aqui em casa pago promessa hoje foi uma promessa que eu paguei aqui do Divino Espírito Santo, que eu tinha feito quando eu fui operar que eu fui fazer o teste do coronavírus, aí eu testei positivo primeiro, enquanto no outro dia quando eu fui ouvir de novo a divindade, naquele sai, eu chorei, que é uma emoção de repassar para meu povo que estava aqui, aí quando fui mesmo só deu aquele pensamento, aí eu disse se o Espírito Santo ajudasse que eu fizesse aquele teste ele desse negativo, eu fizesse aquela cirurgia e ela não complicasse nada no dia, eu tivesse boa eu ia rezar terço, fazer um almocinho para quem viesse me ajudar, eu fui fiz o teste deu negativo, eu fiz a cirurgia, o medo que eu tinha de cirurgia e fiz não teve nada de complicação nenhuma, graças a Deus. Agora no dia 26 de maio já vou fazer um ano, e graças a Deus para louvor e Glória de Deus e do Divino Espírito Santo às 3 pessoas da Santíssima Trindade (Dona Raimunda, 74 anos. Entrevista concedida no dia 06 de abril de 2024).

Nota-se mais uma vez que fica evidenciada a relação da fé cristã de Dona Raimunda com seus rituais de cura, não querendo aprender nenhuma reza que pudesse fazer mal a alguém, e, fazendo e pagando promessas associadas à sua religião caso sua prece fosse alcançada. Sobre o processo de perpetuação da prática do

benzimento, destaca ser de suma importância “porque o povo não entende que vão ter que viver a vida toda sabendo que tem um Deus acima de nós, um Deus grande verdadeiro que manda em todas as coisas”.

Durante as entrevistas, as benzedeiras relatam como iniciaram nessa trajetória e como estão realizando os benzimentos atualmente, explicando que não conseguem mais realizar alguns desses rituais devido à idade avançada ou problemas de saúde.

Aprendi a rezar com minha avó. Vi ela rezando e me interessei em aprender. Aprendi porque ela rezava em voz alta. Rezo de carne quebrada, izipa, tirar sol de cabeça com uma garrafinha, quebrante que é com os galinhos de mato e água. Arca caída, na hora que precisar chegar aí levanto, mas nem todo dia eu posso levantar, porque se eu senti minhas arca caída eu não posso levantar eu não levanto porque a arca caída é duas, não levanta, tenho que levantar a minha primeiro, aí depois a dos outros, aí não tem quem levante a minha, aí é eu mesmo que eu levanto numa rede, eu me enrolo na rede me penduro (Dona Neguinha, 77 anos. Entrevista concedida no dia 03 de abril de 2024).

Aqui notamos a preocupação de dona Neguinha em relação ao fim dessas crenças, pois existem rezas que, para que ela as realize, alguém precisa realizar primeiro nela, como a questão da arca caída. E por não ter quem faça nela, ela não consegue realizar efetivamente em outras pessoas, uma vez que ela também precisa da reza para estar bem e conseguir realizar o ritual. A ausência de pessoas que realizem o benzimento acaba influenciando na sua continuidade.

Agora rezar, eu quase aprendi com o tempo, assim, porque eu tinha uma madrinha lá, via a minha irmã que rezava, mas nunca foi assim, diretamente. Aí eu vi, e eu fui aprendendo a rezar, eu rezo de arca caída, rezava de quebrante, rezava de tirar sol na cabeça, agora mesmo rezei num menino diz que ficou bom graças a Deus. Agora já estou pior para rezar, aqui eu já tô ficando velha, e quando a pessoa tá ficando velha já não é muito apropriado. Mas antes, mais nova eu era boa para rezar graças a Deus, agora não sou mais não (Dona Raimunda, 74 anos. Entrevista concedida no dia 06 de abril de 2024).

Assim como Dona Neguinha, Dona Raimunda também se preocupa com a questão de que está ficando ruim para rezar, pois a mesma fala que já está ficando velha, e a pessoa quando fica velha já não é mais apropriada para rezar. Por conta do avanço da idade, o ritual de cura acaba debilitando boa parte das benzedeiras, isso ocorre por conta do esforço espiritual e psicológico que elas utilizam durante o processo de benzimento. Nesse contexto, a continuidade desses desafios enfrenta dificuldades, pois entre as benzedeiras de Piaçava, duas estão com mais de setenta anos, estando apenas Dona Lúcia com 53 anos, o que consequentemente implicará na perpetuação desses saberes.

Na fala de Dona Lúcia, observa-se que para que ela possa realizar efetivamente os rituais de cura, ela precisa estar bem de saúde³ caso contrário, não consegue executá-los. Também fica evidente que ela já tem conhecimento de outras benzedadeiras que já estão deixando de realizar algumas rezas devido à idade avançada, pois já não estão conseguindo realizá-las.

Levantar arca no caso eu aprendi com minha madrinha, tinha 17 anos e ela sempre falava ela pelejava e eu falava que não queria, e ela dizia “minha filha tem que aprender que tu vai precisar para ajudar alguém”, aí falei “madrinha pois eu vou fazer”, aí aprendi a levantar arca e fui em frente, comecei a levantar a dela mesmo, aí quando cheguei aqui, os povos me pediam, comecei levantando da mãe, e da dona Dasdores, um dia ela estava ruim e meu pai falou que eu sabia, aí fui, aí ficou até hoje, é arca caída, tirar sol de cabeça. A gente não tira arca caída, o sol, se você estiver muito fraca, não consegue, a dona Maria Futuro já tá deixando, pois não está mais conseguindo, se eu estiver gripada, tiver muito menstruada eu não faço, não adianta a gente não tem nem coragem para isso porque a reza é forte, se a gente fraca não dá mexer (Dona Lúcia, 53 anos. Entrevista concedida no dia 16 de abril de 2024).

Dona Lúcia também falou sobre uma reza chamada de “quebrar encanto”⁴, que consiste em fazer rituais de benzeção em algum benzedor que está perto da morte, e que não falece enquanto alguém não quebrar o encanto que está sobre o mesmo. Isso geralmente acontece com pessoas que sabem muitas rezas e ficam cercadas por esses encantos, mas que as próprias rezas não conseguem quebrá-los, necessitando de outro benzedor para quebrá-lo para que a pessoa possa de fato morrer ou, do contrário, continuar a padecer na terra.

É porque demora a morrer, ela chamava de descer, eu lembro do finado Zé Rosa, ele sabia muitas rezas, e ele quase não morre, no dia mesmo que foi para ele morrer a Dijé pegou uma palha de cocô, e aquela mulher que era do Osmar, a Dijé, desceu e a outra subiu quando chegou nos encontros das biqueiras da casa, elas rezaram e ele morreu, mas já tinham colocado meio mundo de coisas, mão de pilão, tinham colocado meio mundo de coisas debaixo da cama dele e ele não morreu, aí elas quebraram o encanto dele (Dona Lúcia, 53 anos. Entrevista concedida no dia 16 de abril de 2024).

Nas narrativas das benzedadeiras, notamos como cada uma iniciou sua trajetória nas rezas/bênçãos, partindo de familiares que as ensinaram e também de pessoas próximas a elas. O ponto em comum entre todas é que foi o fato da vontade de aprender, a dedicação, a fé nesses rituais e o desejo de ajudar as pessoas da comunidade. Esses fatores foram os que as motivaram a aprender, ficando claro que basta ter alguém que queira ensinar e o outro que tenha interesse em aprender, que se aprende a benzer/rezar.

³ A benzedeira doente não consegue rezar por estar fraca, e a reza não é consumada como deveria ser, para de fato curar a pessoa enferma.

⁴ É um ritual realizado pelos benzedores para eles quebrarem o encanto da pessoa idosa antes de morrer.

A perpetuação do benzimento em Piaçava (TO): as discontinuidades do ritual de cura

As benzedeiras e os benzedores são cuidadores dos males físicos e espirituais dos moradores das comunidades, cujo ofício, isto é, o ato de benzer e de curar o enfermo de doenças que, em geral, se encontram fora do escopo da medicina dogmatizada, é realizado por meio de rituais e orações. A benzedura é um procedimento ritualístico realizado por pessoas de diversas religiões e sofre influência conforme o meio em que estão inseridas, alterando detalhes no ritual, como uso de objetos, plantas e jeitos de acenar no momento da benzeção. O benzer é um ato de interceder pela cura do doente ao sagrado, com intuito de trazer o equilíbrio material e espiritual de que necessita a pessoa benzida. O ritual tem como característica uma conexão de quem benze com a pessoa a ser benzida e com a espiritualidade. Essa interação, no momento do benzimento, permite a intervenção espiritual e a obtenção da cura (Souza, 2008).

A transmissão do dom de benzer pode ser feita de diferentes maneiras e circunstâncias, nas quais a pessoa escolhida traz consigo o conhecimento de cada passo do ritual, inclusive das palavras, além de herdar a reputação conquistada pelo antigo benzedor ou benzedeira. De acordo com Vaz (2006), uma benzedeira pode aprender de maneira espontânea, receber o dom por meio do ensinamento de outra benzedeira, por necessidade perante uma grave situação e, também, a partir de uma revelação. A transmissão feita por laços de parentesco é a mais comum. O dom é passado para algum membro da família (consanguíneo ou não) que apresente as características necessárias para a prática do ritual, como interesse, respeito e convivência com aquele que benze. O acesso e a compreensão das fórmulas recitadas são restritos aos que herdarão a tradição.

A passagem de conhecimentos é um momento delicado na trajetória de uma benzedeira, pois é dessa forma que são perpetuadas suas práticas e valores para as próximas gerações, reafirmando a importância desse trabalho em suas comunidades. A transmissão do ofício, a prática da benzeção, é algo que pode ser ensinado, aprendido e transmitido por meio da tradição oral. Ainda assim, o ofício também é compreendido como um dom inato que atravessa o desenvolvimento, o que requer dedicação, paciência e abnegação.

A dificuldade de transmitir o ofício aos mais jovens pode estar relacionada a uma maior urbanização, ao maior acesso a equipamentos formais de saúde, bem como revela a submissão da benzeção a uma lógica biomédica, em um sistema de saúde que, por vezes, negligencia os sistemas populares de cuidado. É importante ressaltar o alto nível de preocupação das benzedeiras em repassar seus conhecimentos no momento da escolha de seu sucessor. A preocupação se resume em encontrar alguém que seja de confiança e que esteja realmente interessado em aprender e levar sua prática adiante com fidedignidade e dignidade, uma vez que juntamente com seus conhecimentos

serão repassados seu nome, sua reputação, o trabalho de sua vida e, por extensão, sua própria identidade.

O indivíduo dedica parte da sua vida ao exercício da benzedura, a qual acredita ter recebido de Deus, geralmente a partir da descoberta e do reconhecimento desse dom, que pode ter início tanto pela identificação, por parte de outro benzedeiro/benzedeira, como exposto acima, ou pelo reconhecimento de algum acontecimento forte, como uma espécie de revelação divina, ou tem-se ainda todas essas situações combinadas de diversas maneiras entre si (Gomes & Pereira, 2018:34).

A figura popular das benzedadeiras tem sofrido modificações que tangem, por exemplo, às dificuldades de transmissão do ofício, a maior urbanização e, ainda, o maior acesso a sistemas formais de saúde e cuidado que nem sempre consideram, incorporam ou legitimam os sistemas considerados populares. Essa prática tem diminuído ao longo do tempo, pois a nova geração, apesar de acreditar no poder da reza, não tem interesse em se envolver com esses rituais, e dessa forma, a arte de benzer tende a desaparecer, uma vez que não há ninguém que tenha interesse em aprender esse ofício. Esse cenário ficou evidente nas falas das benzedadeiras durante as entrevistas, mostrando a preocupação em não ter quem dê continuidade a esses rituais de cura.

Nenhum dos meus familiares mais próximos se interessou em aprender, apenas minha neta Daniela que disse que ia aprender, mas ela levou anotado, dizendo ela que anotou, não sei se ela aprendeu. Meu filho, o Toin era quem queria aprender de carne quebrada, não sei se aprendeu, se já sabe, mas acho que não. Mas, os outros não interessam de aprender não. Então, eu não passo a reza porque eles não se interessam de aprender, agora se eles se interessassem aprender era bom, que não é toda a vida que eles me têm, porque tudo só corre pra cá, aí toda vida não interessa de aprender aí quando eu ir embora, cadê? não tem mais benzedor. E não passo pra qualquer pessoa, porque pode usar de má fé. Se achasse quem aprendesse era bom, a pessoa interessando de aprender qualquer um aprende, é a pessoa interessar, agora os meus é que não interessam de aprender. A arca caída com pano, sempre digo: se interessa de aprender, pois não é todo o tempo que vocês têm eu. Sempre eu via a minha vó rezando de quebrante, de izipa aí eu só vendo ela rezar aprendi, aí nunca esqueci. Uma irmã minha disse que sabe, mas eu acho que ela não sabe não, quando ela quer, ela corre para cá (Dona Neguinha, 77 anos. Entrevista concedida no dia 03 de abril de).

Nesse primeiro momento do depoimento de Dona Neguinha, observa-se sua preocupação com o fato dos familiares não se importarem em aprender um ritual de uma crença que vem sendo transmitidas de geração em geração por sua família, e, o cuidado que tem em não permitir que outras pessoas se apropriarem desses saberes, podendo fazer mau uso do que foi ensinado, prejudicando pessoas que forem buscar a cura por esses rituais, reforçando a questão da preocupação com seu sucessor na perpetuação do benzimento, pois estão em jogo seu legado, sua reputação durante os anos que desenvolveu esse ofício.

Essas rezas que eu rezo ninguém da minha família não quer aprender não, as minhas filhas acho que não, porque elas nunca disseram que quer aprender. Só rezam mesmo, as rezas da nossa religião católica. Eu já tô ficando velha e quando a gente fica velho, fica muito sensível, muito fraca, vai enfraquecendo pra rezar. Sem falar, que tem muita gente hoje que não acredita nas rezas, só em remédio de farmácia, mas o que cura é a fé em Deus (Dona Raimunda, 74 anos. Entrevista concedida no dia 06 de abril de 2024).

A fala de Dona Raimunda, contextualiza com o mencionado anteriormente, no que se refere à negligência dos saberes populares em relação à medicina dogmatizada, pois com maior acesso aos serviços de saúde, muitos dos males que as pessoas buscavam tratamento com as benzedadeiras hoje buscam os médicos para solucioná-los. Dessa forma, têm diminuído progressivamente a procura pelos benzimentos e o interesse em aprender essa prática, que como ela menciona, mesmo com tantos anos sendo benzedeira e já está em idade avançada para continuar a rezar, suas filhas nunca tiveram interesse em aprender.

Na minha família não tem quem queira aprender a rezar não. Minha filha Núbia, essa nem se fala, e a minha filha Rúbia não tem paciência, acho que não, vou arriscar até o dia que der certo (Dona Lúcia, 53 anos. Entrevista concedida no dia 16 de abril de 2024).

Assim como dona Neguinha e dona Raimunda, dona Lúcia não tem pessoas de sua família que queiram aprender o ofício de benzedeira. Como ela menciona, as filhas não têm interesse ou paciência em aprender essa prática, a qual requer dedicação, paciência e abnegação para conseguir ser aprendida, mas como as filhas não querem, elas não têm quem dê continuidade a essa prática.

Dona Lúcia ressalta a importância e do seu desejo de transmitir seus ensinamentos para a outra pessoa, de modo que possa perpetuar sua trajetória de benzedeira, deixando a sabedoria adquirida ao longo de sua vida para as futuras gerações, possibilitando a existência da continuidade desse ofício.

A importância que a gente fala é porque mais pra frente a gente vai ficar velho, claro que a gente vai morrer, mas se você deixar aquela sabedoria para outra pessoa, pra pessoa servir outras pessoas é muito importante, porque assim a pessoa que vai benzer diz assim, foi fulano que deixou para mim igual no caso meu foi a madrinha e a Livramento, aí no futuro chegar eu morrer e eu passar para outra pessoa aí a pessoa vai falar, foi a dona Lúcia que benzia muito nas pessoas e deixou pra mim, aí se no caso outra pessoa, essa pessoa que a gente passa vai passando para outra aí de geração em geração e tá acabando, as pessoas estão ficando sem fé nas coisas, não se prontifica para nada, agora o povo que saber de farmácia, médicos essas coisas, não procuram muito assim não. Aqui comigo é difícil ter um dia para não ter um, teu pai o Dedé mesmo é um, mais também ele passa é tempo sem sentir, aí quando sente vem na hora (Dona Lúcia, 53 anos. Entrevista concedida no dia 16 de abril de 2024).

As benzedadeiras ocupam um lugar muito importante no contexto social, pois na maioria das vezes, antes mesmo de recorrer à medicina convencional, os cidadãos procuram primeiro essas mulheres com a fé de que os males se esvairão com seus rituais de cura. Apesar dos fatores essenciais reconhecidos por aqueles que as procuram, atualmente existe um grande desafio em perpetuar a prática ritualística do benzimento.

É bastante comum, principalmente nas áreas rurais, como no caso do povoado Piaçava, utilizar da medicina popular através da crença em sua funcionalidade, visto que a confiabilidade dessa prática ainda se encontra em vigor na fé das pessoas quanto às rezas.

Para a saúde na educação popular dentro de diversas comunidades, as benzedadeiras são vistas como alguém bastante importante na arte do curar, além promover outro meio para busca da cura, ela é vista como um bem gratuito evitando gastos com medicamentos e até mesmo por entender na sua realidade as dificuldades que se tem para o acesso ao atendimento médico (Diniz & Diniz, 2018:08).

É certo que, em nosso cotidiano, temos ou já tivemos um contato direto ou indireto com as benzedadeiras, uma vez que elas contribuem e sempre contribuíram com seus conhecimentos da medicina alternativa popular de modo a curar as pessoas dos males pelos quais são acometidas.

As benzedadeiras/rezadeiras apresentadas neste trabalho são reconhecidas por serem mulheres de profunda fé cristã, que seguem a religião católica. As três residem atualmente no povoado de Piaçava, e o ofício de benzedeira não atrapalha a vida social das mesmas. Elas relataram suas experiências e um pouco de como os rituais são realizados, apontando quais são os objetos que utilizam para a realização desses rituais, tendo em vista que, por mais que sejam os mesmos objetos, como o pano, a garrafa, o galhinho de árvore, o pavio de algodão, a pedra e o tição de fogo, o que muda de uma benzedeira para outra é cada uma possui seus próprios objetos.

Todas as benzedadeiras mencionam a importância dos rituais de cura para a sociedade e da forma como eles estão sendo cada vez mais esquecidos. É interessante ressaltar também como esses saberes são transmitidos e como elas os obtiveram, manifestando que a cura decorre da relação entre natureza e fé católica.

São muito procuradas para rezarem de quebranto, arca caída, sol na cabeça, izipa, males esses, que muitas das vezes não são resolvidos pela medicina convencional, e as pessoas da comunidade por acreditarem no poder de cura dos rituais das benzedadeiras, acabam procurando por elas para se curarem das enfermidades em que estão acometidos. Mas, embora as novas gerações ainda acreditem no poder das rezas, não demonstram interesse em aprender o ofício de benzer, o que gera grande preocupação nas benzedadeiras que ainda têm no povoado, pois elas pontuam que já estão ficando em idade avançada, tendo até mesmo

dificuldade em executar com eficiência alguns rituais, e não estão encontrando ninguém que queira aprender o conhecimento adquirido por elas, o que as leva a considerar que o ofício de benzedeira está chegando ao fim dos seus dias.

É importante mencionar que tive experiências com duas benzedeadas na comunidade, que atualmente não praticam o ritual de cura, por terem ingressado na Ciadiseta (Religião Cristã Pentecostal), mas são reconhecidas como mulheres que carregam essa sabedoria ancestral de cura nas décadas de 1960, 1970, e 1980, sendo procuradas pela comunidade local para intervir nas doenças. Uma das ex-benzedeadas é a dona Benvinda Pereira da Penha, de 95 anos, sendo a moradora mais idosa do povoado, aprendeu às práticas de rezas, com uma conhecida no qual rezavam em seus filhos. Entretanto, ela abandonou o catolicismo após uma briga com o padre da capela, por ele não ser compressivo com o barulho dos seus filhos durante a missa. Ela relata que nunca esqueceu das rezas que praticava, mas que nunca mais as praticou depois que abandonou a religião católica, por agora acreditar que são uma mera ilusão.

A outra benzedeadas é a dona Luzimar Moraes Araújo, de 70 anos, que aprendeu a benzer/rezar com seus familiares, por meio dos quais também se consagrou como missionária da igreja católica ainda adolescente, período em que aprendeu diversas rezas de curas. Ela relata que naquela época, pelas condições precárias da construção da igreja católica, esta veio a desabar, ficando apenas os santos, que dona Luzimar trouxe para sua casa. Após isso, ela teve uma visão do espírito santo, falando que ela devia se reconciliar com a igreja Assembleia de Deus ou ela iria sofrer muito. Dessa forma, dona Luzimar jogou todos os santos fora e se reconciliou na igreja Ciadiseta, e que após esse contato, se batizou nessa doutrina e renunciou às rezas. E hoje em dia não tem mais fé nas benzeções e rezas, pois assim como dona Benvinda, para ela também é apenas uma ilusão.

Embora esse trabalho foque nas narrativas das três benzedeadas em exercício, busquei contato com Dona Benvinda e Dona Luzimar, que antigamente faziam parte das benzedeadas do povoado. Com isso, após a mudança de religião e adentrarem ao pentecostalismo, a prática do ritual de cura deixou de ser exercida por elas. Assim, além dos diversos fatores enfrentados pelas três benzedeadas, que estão duas em idade avançada, a conversão em outra religião implica na continuidade desse saber de forma mais ampla na comunidade.

Por meio disso, este trabalho apresenta uma tentativa de explicar sobre a contribuição do saber passado de geração das benzedeadas, uma vez que essas contribuem para nosso acervo cultural. Aqui mostramos o significado cultural e religioso das benzeções para as benzedeadas de Piaçava, conhecemos quem são as benzedeadas que ainda benzem no povoado, como e com quem aprenderam a benzer, conhecemos quais são os objetos usados pelas benzedeadas no ritual de benzimento e seus significados, como esses rituais ocorrem e qual importância que as benzedeadas atribuem ao trabalho que executam.

Considerações finais

As necessidades que induzem as pessoas a buscarem uma benzedeira são distintas, o estudo mostrou que as soluções também o são, cada uma conforme as suas especificidades. As benzedadeiras são vistas como uma espécie de detentoras da cura. Atuando como mediadoras entre o enfermo e o sagrado, utilizando-se meios tais como beber um chá amargo, uma novena ou uma garrafada.

No contexto do povoado Piaçava, as benzedadeiras Dona Neguinha, Dona Raimunda e Dona Lúcia são tidas como mulheres da cura, que atendem às enfermidades das pessoas da comunidade, além de valorizarem esses saberes por meio do catolicismo, natureza e objetos sagrados. Conhecer a realidade de benzedeira nos fez refletir acerca dos saberes ancestrais e de sua perpetuação na sociedade, tendo em vista que as pessoas mais jovens possuem pouco interesse em aprender esses saberes, embora tais rituais façam parte da identidade dessa região, assim como em outras localidades do Brasil.

Nesse sentido, valorizamos os rituais de cura das benzedadeiras, pois entendemos que esses saberes e práticas ancestrais perpassaram e perpassam várias gerações. Sendo uma alternativa de cura e valorização da ancestralidade. Assim, o estudo das benzedadeiras trouxe outros olhares acerca das mulheres da nossa comunidade, reverberando a influência do catolicismo. A partir de nossas experiências, percebe-se o reconhecimento e respeito pelas benzedadeiras da comunidade e do conhecimento tradicional que atravessa suas trajetórias de vida. Já que são as principais detentoras desses saberes no contexto atual, pautado pela sabedoria ancestral e práticas de resistência.

Por meio disso, notamos a importância que os rituais de cura possam ter na transmissão de uma tradição que se faz presente desde a fundação do povoado. Historicamente, a prática do benzimento enfrentou uma série de ameaças, preconceitos e disputas, haja vista a perseguição das mulheres no período da inquisição. Apesar de todo esse histórico, os rituais de cura atrelados aos saberes das mulheres benzedadeiras de Piaçava demonstram o reconhecimento delas, enquanto pessoas detentoras da cura. Cabe ressaltar que como apontado nas narrativas orais de nossas interlocutoras, essa tradição corre sérios riscos em relação a sua transmissão e perpetuação de seus saberes, pois como destacam as benzedadeiras o desinteresse dos familiares e demais integrantes em relação ao ritual contribui para a descontinuidade dessas práticas para as gerações futuras.

Portanto, é importante evocar a ancestralidade de cura para a geração atual, como alternativa de revitalização desses saberes, assim como promover o reconhecimento das mulheres como detentoras e protagonistas dessa sabedoria tradicional que resiste e persiste atualmente.

Referências

- AYALA, Marcos; AYALA, Maria I. (2006). *Cultura Popular no Brasil. Perspectiva de análise*. São Paulo, Ática.
- AZEVEDO, Téo. (1981). *Plantas medicinais e benzeduras*. São Paulo, Top-livros.
- BETHENCOURT, Francisco. (2004). *O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo, Companhias das Letras.
- CASCUDO, Luís da C. (2001). *Dicionário do folclore brasileiro*. 10. ed. São Paulo, Global.
- CRUZ NETO, Otávio. (1994). “O trabalho de campo como descoberta e criação”, in M. C. D. Minayo *et al.* (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes.
- DEL PRIORE, Mary. (2007). “Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino”, in M. Del Priore (org). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo, Contexto.
- DINIZ, Ericka E. C. da S.; DINIZ, Emerson C. da S. (2018). “A arte de curar: saberes e práticas de rezadeiras e bezendeiras no cuidar da saúde”, in O. Conedu. Campina grande, *Realize*.
- ELIADE, Mircea. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo, Martins Fontes.
- GOMES, Núbia P. de M.; PEREIRA, Edimilson de A. (1989). *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora, Mazza/EDUFJF.
- LARAIA, Roque de B. (2007). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MACIEL, Márcia R. A.; GUARIM-NETO, Germano. (2006). “O olhar das benzedeadas de Juruena (Mato Grosso) sobre as plantas usadas para benzer e curar”. *Boletim do MPEG Série Antropológica*, v. 1, pp. 61-77. [Consult. 07.02.2025]. Disponível em <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/f4sb7mbmsdcf7kdg4thjttj/?format=pdf&lang=pt>
- MENDES, Dulce S.; CAVAS, Claudio S. T. (2018). “Benzedeadas e benzedeados quilombolas - construindo identidades culturais”. *Interações*, v. 19, n. 1. [Consult. 02.02.2025]. Disponível em <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1568>
- MIRANDA, Carlos A. (2017). *A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura*. – 3. ed. rev., ampl. E atual. Recife, Ed. Universitária da UFPE.
- MOTT, Luiz. (1997). “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”, in L. Melo e Souza (org). *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo, Companhia das Letras, pp.155-220.
- MOURA, Elen Cristina D. (2009) *Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo, PUC, 208p.
- MOURA, Elen Cristina D. (2011). “Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benção”. *MNEME – Revista de Humanidades*, 11(29). [Consult. 03.03.2025]. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/980>
- MYNAIO, Maria Cecília *et al.* (1994). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes.
- NEY, Vera C. A. (2011). “Rezas, simpatias e benções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé”. Trabalho apresentado ao NP Folkcomunicação do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. [Consult. 25.01.2025]. Disponível em <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf>
- NOGUEIRA, Léo C.; Versonito, Suelen. M.; TRISTAO, Bruno D. (2012). “O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benção nas sociedades urbanas? o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil”. *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, v. 01, pp. 167-182. [Consult. 04.03.2025]. Disponível em https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/pt_BR/article/view/1290
- OLIVEIRA, Elda R. (1992). *A profanação do sagrado e a sacralização do profano*. Araraquara, UNESP – Faculdade de Ciências e Letras.

- OLIVEIRA, Elda R. (1985). *O que é benzeção*. 2a ed. São Paulo, Brasiliense.
- QUINTANA, Alberto M. (1999). *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru, EDUSC.
- ROQUE, Joaquim. (1946). *Rezas e benzeduras populares: Etnografia Alentejana*. Beja, Minerva Comercial.
- PIMENTEL, Cristiane Maria S. (2007). *Rezadeiras: uma fé popular*. Ceará, OPSIS.
- SOUZA, Laura de M. (1959). *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras.
- MONTEIRO, Douglas T. (1997). *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- THOMPSON, Paul. (1992). *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Luciene Alves de Carvalho

 <https://orcid.org/0009-0000-8754-8359>
 <http://lattes.cnpq.br/8718132394234551>

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).

Laylson Mota Machado

 <https://orcid.org/0000-0002-4400-309X>
 <http://lattes.cnpq.br/3478206886049333>

Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPEL). Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT - UFT). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: laylsonmm@gmail.com

Carina Alves Torres

 <https://orcid.org/0000-0002-9646-1930>
 <http://lattes.cnpq.br/5398447250393679>

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPEL). Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT - UFT). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: carinatorres123alves@gmail.com

Revisão técnico-gramatical

Ana Julia Ferron Gonçalves Dias⁵

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflitos interesses financeiros, comerciais, profissionais, acadêmicos, pessoais ou de qualquer outra natureza que possam influenciar, de forma inadequada, os resultados, interpretações ou conclusões deste trabalho.

Financiamento

Os autores declaram que não receberam financiamento específico de agências de fomento do setor público, comercial ou sem fins lucrativos.

Uso de IA

Os autores declaram que não utilizaram ferramentas de inteligência artificial na elaboração deste manuscrito.

Disponibilidade de dados

Os autores declaram que todos os dados relevantes para este estudo estão apresentados no corpo do artigo e/ou nos materiais suplementares.

Contribuições de autoria CRediT

Todos os autores: Conceitualização (Conceptualization); Metodologia (Methodology); Investigação (Investigation); Redação – rascunho original (Writing – original draft); Redação – revisão e edição (Writing – review and editing); Validação (Validation).

⁵ E-mail: anajuliaferron@gmail.com